

ENTREVISTA/Antônio Carlos Magalhães

# 'Apóio o Governo até onde for possível'

JORGE BASTOS MORENO

BRASÍLIA — Convocar o povo a exhibir verde e amarelo, como fez o presidente Collor, é um erro tão grande quanto insistir em comícios pelo impeachment, como está fazendo a oposição. Essa crítica, em tom de advertência, é feita pelo governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que se diz contrário a radicalismos e disposto a manter seu partido, o PFL, como base de apoio político ao Governo.

Nesta entrevista ao GLOBO, Antônio Carlos revelou na quarta e na sexta-feira a disposição de conter suas críticas ao mi-

nistro Marcílio Marques Moreira e à sua política econômica, depois de quase uma semana de ataques do próprio governador e de seus liderados no Congresso. E justificou seu apoio ao Governo pela necessidade de salvar as instituições num momento em que o povo está insatisfeito com seus representantes.

— Dizer que o povo está satisfeito com o Governo e com os políticos é mentira — afirma Antônio Carlos.

O governador acusa a oposição de tentar inviabilizar o país através do impeachment e reclama do fato de ter ficado praticamente sozinho no combate à equipe anterior do Governo, enquanto os próprios

oposicionistas eram coniventes com as ações de PC Farias e dos ex-ministros Rogério Magri e Alcení Guerra.

Antônio Carlos diz que PC Farias é "um homem sem entranhas" e reconhece que Collor é "muito amigo" de seu ex-caixa de campanha, mas diz acreditar que o presidente tomará providências para punir PC. Depois da CPI, aposta Antônio Carlos, o Governo, o Congresso e o país vão mudar.

Ele parece ser o primeiro. Durante as exatas 24 horas que circulou em Brasília, coincidentemente no dia do aniversário de Collor, na quarta-feira passada, o governador revelou outra face de sua perso-

nalidade. Ainda contagiado pelas homenagens prestadas pelos baianos a Jorge Amado e Caetano Veloso, ele não quis falar sobre política, evitou o beija-mão do Palácio do Planalto e trocou o cortejo do Congresso por sessões de música popular brasileira. Cantou sucessos do seu ídolo Roberto Carlos, falou de Gilberto Gil, Caetano, João Gilberto, Simone e Gal Costa e revelou sua admiração por Maria Bethânia, de quem ouviu também várias músicas no CD instalado no seu carro.

— A Bethânia gosta de mim. Mas gostaria mais se soubesse a intensidade de minha admiração por ela. Sua melodia toca a minha alma — disse o governador.

O GLOBO — O senhor é dono deste Governo?

ANTÔNIO CARLOS — Não, eu não sou dono deste Governo como nunca fui nem faço questão de ser dono de governo nenhum. Eu tenho um governo na Bahia e para isso o povo me elegeu. E o povo, revelam as pesquisas, está satisfeito com o meu governo.

O GLOBO — Mas o senhor parece tutor do governo Collor e, em consequência, co-responsável também pela administração Collor.

ANTÔNIO CARLOS — Eu não tenho nada com o governo Collor. Não tenho nenhuma tutela sobre o governo Collor. Quando o governo Collor foi formado, inclusive, o foi por figuras com as quais eu não tinha nem relações pessoais, como o senhor Carlos Chiarelli e outros.

O GLOBO — Mas é evidente que o senhor influi no governo...

ANTÔNIO CARLOS — Costumam dizer que influencio nesta ou naquela área, mas não costumam dizer que tenho influência maléfica em nenhuma. Estão aí os PCs, os Alcenis, os Magri. São tantos. Apontem um fato que me desabone. Então, se eu tivesse influência seria benéfica. Agora, governo na Bahia com bons quadros políticos. Por isso, não me vejo metido em problemas graves como agora se meteu o presidente Collor porque fez uma equipe inexperiente e que moralmente não estava à altura do Brasil. E dessa equipe, graças aos meus apelos, ele conseguiu se livrar.

O GLOBO — Mas agora aparentemente o presidente não está mais atendendo aos seus apelos e, quanto mais o senhor critica o ministro Marcílio Marques Moreira, mais o presidente Collor o prestigia...

ANTÔNIO CARLOS — Eu conheço o ministro Marcílio há mais de 30 anos e ele também me conhece. Eu tenho reclamado da recessão excessiva, do desemprego e dos juros altos. Estamos diante de uma crise econômica muito grande.

O GLOBO — O presidente Collor e os empresários não pensam a mesma coisa.

ANTÔNIO CARLOS — É verdade. Os empresários, muitas áreas políticas e o próprio presidente da República acham que a política do ministro Marcílio, nas atuais circunstâncias, deve ser mantida. O presidente Bush também acha. Todos eles devem

estar certos e eu devo estar errado. Então, que se apóie o ministro Marcílio. Quero dizer que, se a situação piorar, alguém chamou a atenção, baseado em opiniões de economistas respeitáveis, como é o caso de Afonso Celso Pastore.

O GLOBO — O senhor está com esse nome na cabeça. Ele é alternativa para o lugar de Marcílio?

ANTÔNIO CARLOS — Não. Ele é apenas um economista respeitado e competente.

O GLOBO — O senhor está assumindo o compromisso de parar de criticar o ministro Marcílio?

ANTÔNIO CARLOS — Meu interesse agora é ver o ministro Marcílio prestigiado ao máximo. Se eu pudesse, a nação toda estaria prestigiando o ministro Marcílio, até os desempregados.

O GLOBO — O senhor se considera vencido nessa luta contra a atual política econômica?

ANTÔNIO CARLOS — Acho que os meus pontos de vista são todos certos, mas não quero ser vencedor nesta hora. Se acontecer amanhã alguma coisa com o ministro Marcílio eu não quero ser o vencedor. Eu prefiro até ser o vencido.

O GLOBO — Permanecendo essa política econômica, o PFL continuará apoiando o Governo?

ANTÔNIO CARLOS — O PFL deve dar apoio ao Governo. Estou apoiando o Governo até onde for possível, pois acho que as instituições devem ser salvas. Quando se começa a entrar nessas turbulências, dificilmente as coisas se acalmam com uma vítima só.

O GLOBO — O senhor diz ter um limite para apoiar o presidente. Qual é esse limite?

ANTÔNIO CARLOS — Quando se faz uma aliança não se deve fixar o limite porque isso não dá certo. Mas não se deve dar apoio incondicional a ninguém.

O GLOBO — O senhor acredita na inocência do presidente diante dessas denúncias de envolvimento com o empresário Paulo César Farias?

ANTÔNIO CARLOS — O presidente sempre foi amigo do senhor Paulo César, mas vai demonstrar que, mesmo assim, tomará providências rígidas em relação a sequestro de bens e, se



*'Brizola defende Collor com veemência e capacidade que eu não tenho. Sou mais modesto. Defendo o combate à corrupção. Ele é arauto das acusações. Podemos ter a mesma tese, mas eu comando a minha bancada e ele não.'*

fôr o caso, até prisão. Porque os fatos estão evidenciando que o senhor Paulo César Farias é um homem sem entranhas e que se locupletou através de tráfico de influência no Governo.

O GLOBO — O PFL está dando apoio ao Governo em troca de favores?

ANTÔNIO CARLOS — O PFL tem ministros no governo. Quem coloca Reinhold Stephanes no lugar de Magri já contribuiu com a República. O PFL está contribuindo para evitar a derrocada.

O GLOBO — Qual a avaliação que o senhor faz dos trabalhos da CPI?

ANTÔNIO CARLOS — Tem gente na CPI querendo fazer mais política do que apuração, o que chega a ser natural num órgão do Congresso. A CPI sobre o governo Sarney foi assim. De qualquer forma, o país vai ser outro depois da CPI. Mas não se deve enganar o povo: a CPI

não pune, sugere. O Congresso deve fazer CPI para não repetir aqueles episódios lamentáveis da Comissão de Orçamento, com empreiteiras comandando orçamento. O Congresso deve dar exemplos. Mas tenho receio de uma coisa, que é o que falta para por um fim a isso tudo.

O GLOBO — O que falta?

ANTÔNIO CARLOS — A mudança do rito judiciário. Na hora em que a Justiça for ágil em relação à corrupção, os PCs vão se reduzir.

O GLOBO — A aliança PMDB-PSDB-PT pode atrair e mobilizar o povo para pressionar o Congresso?

ANTÔNIO CARLOS — A pressão vai existir. Dizer que o povo está satisfeito com isso é mentira. Mas o povo também sabe quando se reúnem esses políticos do PMDB, do PSDB e do PT, os encontros são efêmeros. Daqui a pouco um estará dizendo cobras e lagartos do outro.

O GLOBO — O senhor amanece neste domingo vestido de verde-amarelo para atender ao apelo do presidente?

ANTÔNIO CARLOS — Sou patriota pelas atitudes, pelo comportamento. Não preciso de indumentárias para estar de verde e amarelo.

O GLOBO — Então, o que o senhor achou desse apelo do presidente?

ANTÔNIO CARLOS — Como tática, foi um erro, como tem sido a Oposição insistir nos comícios para levar aos distúrbios sociais. Sou contra radicalismos.

O GLOBO — Qual sua posição hoje em relação ao vice-presidente Itamar Franco, a quem tanto criticou?

ANTÔNIO CARLOS — A mesma. O problema dele é pessoal. Ele foi escolhido pelo candidato Collor e não pelo povo. Não tem legitimidade porque não foi elei-

to. Ele se sentiria bem sendo colocado no lugar de quem foi eleito?

O GLOBO — O Sarney não se sentiu e, por esse raciocínio do senhor, a legitimidade do Colégio Eleitoral foi dada a Tancredo e não a ele. Como o senhor se sentiu participando do Governo de um vice que não foi votado?

ANTÔNIO CARLOS — Mas Tancredo morreu, ora bolas!

O GLOBO — Se Itamar assumir não vai ter legitimidade para governar?

ANTÔNIO CARLOS — Não vai. Dura pouquíssimo. Lula é quem começaria a guerra.

O GLOBO — Como principal líder do PFL, o senhor não teme que a pressão popular faça seu partido mudar de posição e votar pelo impeachment?

ANTÔNIO CARLOS — Eu não sou o principal líder do PFL. O PFL decide em bloco. Eu tenho uma posição, mas se a maioria quiser eu me adapto.

O GLOBO — Essa sua posição não é desconfortável?

ANTÔNIO CARLOS — Eu falo com a autoridade de quem não recebeu auxílio de qualquer espécie de PC, de Collor e de fantasma de José Carlos Bonfim nenhum. O único Bonfim que sempre me ajudou é Nosso Senhor. Meus adversários devem ir à Bahia e ver o governo que estou fazendo. O meu governo sabe respeitar os turistas e não é como o do governador Leonel Brizola.

O GLOBO — Mas o senhor está unido ao governador Brizola em defesa do governo Collor.

ANTÔNIO CARLOS — O governador defende Collor com a veemência e a capacidade que eu não tenho. Sou mais modesto. Defendo pedindo mudanças e combate à corrupção. Ele não faz isso. Ele é um arauto de acusações. Eu reconheço as qualidades dos adversários. Ele não. Ele inventa. Eu não invento. Podemos ter a mesma tese, agora, eu comando a minha bancada e ele não.

O GLOBO — O senhor é candidato à Presidência da República?

ANTÔNIO CARLOS — Meu destino tem se confundido com o do meu estado. Espero representar os baianos no Congresso Nacional, nas próximas eleições. O PFL tem nomes muito capazes.